

O uso de verbos existenciais nos séculos XVIII, XIX e XX: variação no português pernambucano

The use of existential verbs on XVIII, XIX and XX centuries: variation on portuguese spoken in pernambuco

Marcelo Amorim Sibaldo¹
Iane Siqueira Correia²

RESUMO: O presente trabalho objetiva descrever o uso de verbos com sentido existencial através do tempo no português, analisando, como *corpus*, manuscritos do século XVIII, XIX e XX, escritos por pernambucanos, e usando, como metodologia, a quantificação da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1994). Os resultados indicam que, pelo menos, desde o século XVIII há a variação entre *ser*, *haver*, *ter* e *existir* para indicar estruturas existenciais no português, mas, desde essa época, há uma saliência de estruturas com *haver*, o que corrobora estudos já feitos sobre o tema que indicam que, no português brasileiro atual, há uma robustez de dados com *haver* em estruturas existenciais na escrita, em detrimento da fala, onde estruturas com *ter* são mais produtivas.

Palavras-chave: Verbo existencial. Diacronia. Sintaxe.

ABSTRACT: This paper aims to describe the use of existential verbs across the time in Portuguese. In order to do it we take as *corpus* manuscripts from centuries XVIII, XIX and XX, written by people who lived in Pernambuco and we also use the methodology of Sociolinguistics (cf. LABOV, 1994) for quantification of data. The result shows that since the century XVIII, at least, there was variation in ascribing existence between the verbs *ser*, *haver*, *ter* and *existir* in Portuguese. However, there has always existed this robust use of *haver* to express existence, which corroborates studies already done on this subject. These studies indicate that in modern Brazilian Portuguese there is a salient use of *haver* in existential sentences on written, otherwise, on speech data, sentences with *ter* are more used.

Keywords: Existential verb. Diachrony. Syntax.

INTRODUÇÃO

Como definição para verbo existencial, Silva (1996, p. 186) pontua que este é “(...) o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial”, como nos exemplos ilustrados abaixo:

- (1) a. *Existe* muito prédio em Recife.
b. *É* muito prédio em Recife.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2009). E-mail: sibaldo@gmail.com

² E-mail: iane_correia@hotmail.com

- c. *Há* muito prédio em Recife.
- d. *Tem* muito prédio em Recife.

Nos exemplos do português brasileiro atual citados acima, observamos que, em todas as orações, pode ocorrer uma livre substituição dos verbos existenciais sem alteração de sentido, pois, em todas as frases, apesar da mudança de verbo, o sentido básico das construções continua sendo o mesmo.

Levando em consideração que as línguas mudam com o passar do tempo, acreditamos que o estudo do uso desses verbos nos séculos XVIII, XIX e XX do português pernambucano poderá nos revelar mudanças/variações que ocorreram com os verbos existenciais, que atualmente parecem ocorrer em variação.

Com essas questões em mente, pretendemos desenvolver neste artigo um estudo diacrônico sobre os verbos existenciais *ser*, *ter*, *haver* e *existir*, observando os séculos XVIII, XIX e XX, de manuscritos pessoais e oficiais, escritos por pessoas nascidas no estado de Pernambuco, com o intuito de quantificar as ocorrências destes verbos, tentando verificar em que momento da história do português se deram essas variações/mudanças dos verbos existenciais e apontando quais variantes predominaram. Este estudo se justifica, uma vez que: (i) os verbos existenciais são muito pouco estudados no português, principalmente em relação a sua diacronia, e, por isso, muito pouco em relação à estrutura e variações é até então compreendido e (ii) os dados do português pernambucano até o presente momento não foram explorados no sentido de se observar suas variações/mudanças.

Dessa forma, este trabalho, usando como arcabouço teórico a teoria da Variação e Mudança Linguística (cf. LABOV, 1994), busca: (i) fazer um mapeamento da trajetória dos verbos existenciais, constatando em que momento da história da língua portuguesa um determinado verbo existencial passou a vigorar na sua gramática em detrimento de outros; e (ii) destacar quais verbos eram usados para denotar existência e acabaram caindo em desuso na oralidade e/ ou escrita no português brasileiro (PB).

Para a análise do fenômeno citado, lançaremos mão dos dados do *corpus* do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), sob coordenação nacional do Professor Ataliba Teixeira de Castilho (USP)³. Retiramos desse *corpus* 146 manuscritos, entre cartas

³ Mais especificamente, os dados foram gentilmente cedidos pela equipe regional de Pernambuco desse projeto, sob coordenação da Professora Valéria Gomes (UFRPE), com materiais cedidos pelos professores Marlos Pessoa (UFPE) e Cleber Ataíde (UFRPE), a quem agradecemos enormemente.

oficiais e particulares, a fim de observar o fenômeno das construções existenciais diacronicamente. Dentre esse material, foram selecionados os dados dos séculos XVIII, XIX e XX, levando em consideração tanto orações principais, quanto orações subordinadas, de frases finitas ou infinitivas, uma vez que o objetivo é identificar a acepção existencial do verbo.

A fim de executar os objetivos acima delineados, dividimos este artigo da seguinte forma: na seção 2, fazemos algumas observações sobre os verbos existenciais do PB diacronicamente; na seção 3, analisamos os nossos dados e apresentamos nossos resultados nos três séculos estudados, a saber, XVIII, XIX e XX, fazendo comparações com estudos anteriores sobre essa temática; na seção 4, finalizamos este trabalho, trazendo uma discussão geral sobre os nossos resultados.

Algumas observações diacrônicas sobre os verbos existenciais

Considerando que a língua é viva e que muda com o passar do tempo, levaremos adiante a consideração de que alguns verbos com significação existencial não surgiram originalmente com essa significação, mas foram culminados a adquirir essa significação no decorrer dos séculos.

A título de exemplo, tomemos o verbo *aver*, que adquire, no Português Arcaico (doravante PA), a significação existencial que não revelava no latim clássico, cujo verbo existencial era *esse*. Para Mattos e Silva (1990, p.11) *apud* Ribeiro (1996, p. 353), “o processo de mudança de *haver* ‘de posse’ para ‘existencial’ já está documentado no chamado ‘latim vulgar’, segundo Grandgent (1952, PP. 27-8), nos séculos IV e V, concorrendo já então com ‘esse’(...)”. E, a partir daí, alguns autores (cf. RIBEIRO, 1996; MATTOS E SILVA, 2002) mostram que o verbo *haver* passa por um período de transição concorrendo com *seer* nas construções existenciais no PA, como ilustrado abaixo:

- (2) a. Ali hu *á* vida
- b. À hi fogo
- c. En terra de Campanha *foi* huu homem muito honrado..
- d. Em terra de Sania *foi* hua vila duu homen.

(cf. RIBEIRO, 1996, p.353-354)

Em relação ao *ter*, Ribeiro (1996, 370) afirma que este verbo tem sua origem do latim *teer*, que tinha um significado próximo de “manter/ reter”, mas, aos poucos, foi modificando seu sentido. A autora ainda afirma que não tem informações sobre as primeiras ocorrências de *ter* existencial, mas acena para o fato de que, já em *Os Lusíadas*, podiam-se observar estruturas com o *ter* existencial, como em:

- (3) “e assim caminha/ Para a povoação, que perto *tinha*” (Lus. V, 29).

No PB atual, *haver* concorre com *ter* nas estruturas existenciais, havendo um uso elevado de *ter* na língua oral e o verbo *haver* existencial tendendo a ocorrer mais vezes na língua escrita (cf. AVELAR, 2004; MATTOS E SILVA, 2002, VITÓRIO, 2013).

No século XVIII, como mostram os dados abaixo coletados do nosso *corpus*, é comum vermos a concorrência dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais:

- (4) a. Portanto quanto *tiver* ocasião me escreva. (ter = existencial)
b. E *tendo* como elementos... (ter = existencial)
c. Não *ha* novidade... (haver= existencial)
d. Na praya da cidade de Olinda *ha* hum Reducto piqueno. (haver = existencial)
(PHPB-PE/ Século XVIII)

Em (4), podem-se observar as orações retiradas de cartas do século XVIII, retiradas de cartas oficiais, tipo que privilegia um tratamento mais conservador da língua e, mesmo com essa característica, foram encontrados tanto o *haver*, quanto o *ter* existencial, sendo esta uma forma inovadora.

Avelar (2005) acredita que o *haver existencial* seja a variação que os falantes utilizam em situações mais formais e *ter existencial* é preferencialmente selecionado em contextos da oralidade:

Se atentarmos para que, no Brasil, o aprendizado da língua escrita tende a ter como alvo ou estágios anteriores da língua ou mesmo a norma do português europeu [...] fica fácil imaginar a razão da supremacia de *haver* e da tendência de supressão de *ter* na língua escrita (cf. AVELAR, 2005, p. 15).

Essa preferência dos falantes pelo uso de verbos diferentes em cada tipo de contexto (escrita e oralidade) pode ser explicada pelo fato de que a língua escrita é normalmente mais conservadora do que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita (cf. FARACO, 2007, p. 24-26).

No final da próxima seção, voltaremos a tratar sobre a questão da preferência na escrita sobre o *haver* e na oralidade sobre o *ter* nos falantes do PB atual.

Os verbos existenciais dos séculos XVIII, XIX e XX no português pernambucano

Como falado anteriormente, nesta pesquisa, foram coletados dados de 146 cartas, oficiais e particulares, dos séculos XVIII, XIX e XX, do *corpus* do PHPB (Para História do Português Brasileiro) da equipe regional de Pernambuco, e, a partir desse *corpus*, foram selecionados todos os verbos existenciais presentes, para, a partir daí, fazer um mapeamento da frequência dos verbos existenciais; mais especificamente, dos verbos *ser/ ter/ haver* e *existir*, no decorrer desses séculos.

Procuramos evidenciar qual era a forma mais comum em contextos existenciais e se havia concorrência entre alguns verbos. Para isso, neste primeiro momento da pesquisa, levamos em consideração todos os níveis do texto, particulares e oficiais, mesmo acreditando que são contextos distintos: este mais formal, aquele mais informal. Portanto, uma vez que não tivemos acesso a um número igual de textos oficiais e de textos particulares, não tivemos como fazer esta comparação neste artigo. Em uma pesquisa futura, entretanto, esse fator será levado em consideração, tendo em vista que os contextos são diferentes e, possivelmente, ocorram diferenças significativas.

Português pernambucano do século XVIII e os verbos existenciais

No século XVIII, foram analisadas 70 cartas oficiais e, nessas cartas, houve 511 ocorrências de *ser* em diversos contextos (cópula, auxiliar, locativa etc.), porém, em contextos existenciais, ocorreram apenas 3 sentenças, ou seja, 0,58% do total de uso do verbo *ser*. Já em relação ao verbo *ter*, houve 182 ocorrências e, em contextos existenciais, ocorreram 8 vezes, sendo 4,39% do total de 182. Em relação ao verbo *haver*, este apareceu em 109 sentenças e, com caráter existencial, foram observadas 45 sentenças, o que corresponde a 41,28% das

ocorrências com *haver*. No que concerne ao verbo *existir*, este ocorreu apenas duas vezes e, como esperado, por conta de o verbo denotar apenas existência, essas duas vezes com seu sentido existencial.

A partir desses dados, observamos, já no século XVIII, a variação em relação ao uso de verbos com sentido existencial. Assim, já nesse estágio do português, os verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* coexistem com sua semântica existencial. Em relação aos nossos dados, verificamos que as construções existenciais equivalem a 6,56% do total de ocorrências de *ser*, *ter*, *haver* e *existir* dos dados retirados do nosso *corpus*.

A distribuição dos dados, que acabamos de descrever, pode ser melhor observada na descrição feita no quadro abaixo:

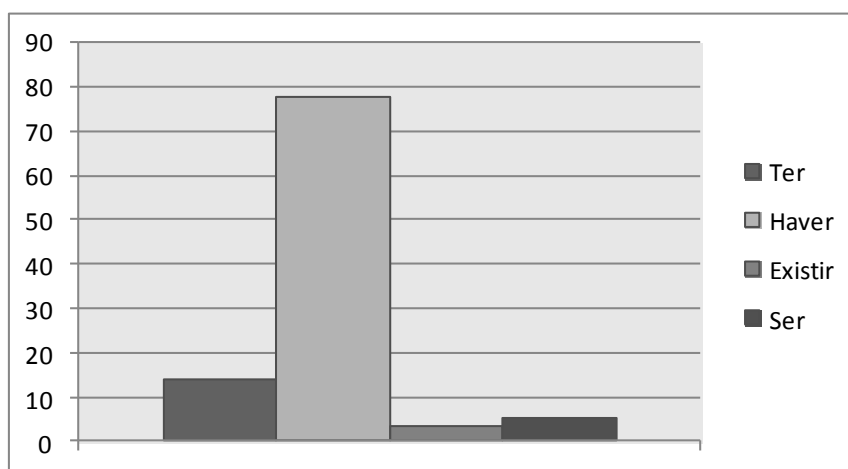
Quadro 1. Distribuição das ocorrências dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* em cartas do século XVIII

Total de cartas	Total de ocorrências do verbo <i>ser</i> em contextos variados	Total de ocorrências do verbo <i>ter</i> em contextos variados	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> em contextos variados	Total de ocorrências de <i>existir</i>
70	510	182	109	2
	Total de ocorrência do verbo <i>ser</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>ter</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> existencial	Total de ocorrências de <i>existir</i>
	3	8	45	2

Durante nossa análise, pudemos observar que há um maior número de ocorrência entre o verbo *haver* e o *ter* em contextos existenciais do século XVIII, havendo um grande número de ocorrências do *haver* em relação ao *ter* em contextos existenciais. O verbo *ser* existencial ainda nessa fase do português pode ser encontrado, embora com pouca frequência, mais especificamente, 3 ocorrências. Em relação ao *existir*, como dito, foram encontradas somente 2 ocorrências.

Se formos levar em consideração a frequência de uso entre esses verbos, a distribuição ficaria como estabelecida no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1. Uso dos verbos existenciais no século XVIII



De acordo com o gráfico acima, como já dito, vemos o uso bastante acentuado do verbo *haver* no sentido existencial, com 77,58% de uso, o que pode ser o indício que, já nessa época, o verbo existencial por excelência era este. Em seguida, temos o uso do verbo *ter*, com 13,79% de uso, o que constata que, já nesse período, o uso do *ter* existencial já acontecia. Ainda no século XVIII, conforme vemos no gráfico 1, observamos o uso do *ser*, que era o verbo existencial por excelência em períodos passados do português, com 5,18% das ocorrências de verbos existenciais nesse período, seguido do verbo *existir*, com 3,45%.

Abaixo arrolamos alguns dados que encontramos no nosso *corpus* e observamos alguns exemplos do uso desses verbos em contextos existenciais no século XVIII:

- (5)
- Registo ossoldados q' do RiodeJaneiro setemRecolhido ao seuRegimento achei *serem* somente sessenta edoiz, *sendo* trezentas az / Reclutas.
 - Estes dous terços de Infantariapaga *tem* taõ poucagente como Se vê plos. Seus mapas
 - Na barra do Rio grande *ha* hum forte de forma quadrada
 - ...para conduzirem a dita quantidade de Pau que *existe*, eaque poderá acrescer docorte em que actualmente Setrabalha

Como mostramos acima, em contextos existenciais no século XVIII, podia-se encontrar a concorrência entre os verbos *ser*, *ter*, *haver* ou *existir*, porém ficou evidente a preferência do verbo *haver* existencial em relação aos outros verbos, o que vai sendo

gradativamente modificado, como mostrarão os dados dos séculos XIX e XX, que analisamos a seguir.

Português pernambucano do século XIX e os verbos existenciais

Já em relação ao século XIX, foram analisadas 40 cartas, oficiais e particulares, e, nessas cartas, houve 100 ocorrências do verbo *ser* em diversos contextos, e, em contextos existenciais, não foi encontrada nenhuma sentença. Nas ocorrências do verbo *ter*, foram encontradas 34 sentenças, sendo somente 3 em contextos existenciais, ou seja, 8,82% do total de ocorrências. Já em relação ao verbo *haver*, este foi encontrado em 10 ocorrências, sendo 3 existenciais, ou seja, 30% do total.

As construções existenciais com *ter*, *haver* e *existir*, no século XIX, foram equivalentes a 6,80% do total de ocorrências desses verbos. No quadro abaixo, pode-se ter uma visualização dessa distribuição:

Quadro 2. Distribuição das ocorrências dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* em cartas do século XIX

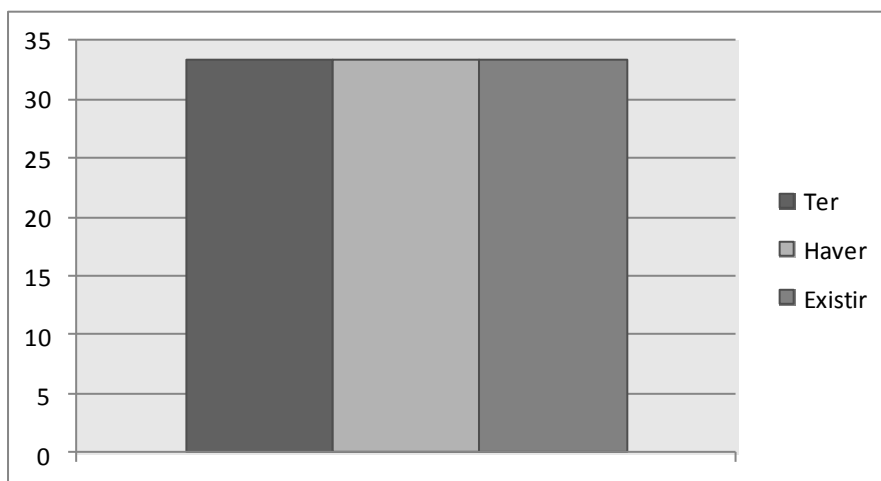
Total de cartas	Total de ocorrências do verbo <i>ser</i> em contextos variados	Total de ocorrências do verbo <i>ter</i> em contextos variados	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> em contextos variados	Total de ocorrências de <i>existir</i>
40	100	34	10	3
	Total de ocorrência do verbo <i>ser</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>ter</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> existencial	Total de ocorrências de <i>existir</i>
	0	3	3	3

Na análise do século XIX, pudemos observar que ocorre uma concorrência entre os verbos *haver*, *ter* e *existir* em contextos existenciais, e constatou-se também que existe uma preferência para o uso do *haver* existencial em relação aos outros verbos existenciais, se formos comparar a porcentagem de *ocorrência-uso existencial*, como discutido acima, em que

o verbo *haver* existencial aparece em 30% de ocorrência total. O verbo *ser* existencial foi encontrado em apenas 1 ocorrência. O verbo *existir* foi encontrado em 3 ocorrências.

Entretanto, se formos comparar o uso desses verbos, no que concerne a sua quantificação com o sentido existencial e ao seu uso no século XIX, podemos observar que os verbos obtiveram a mesma porcentagem, como vemos nos resultados do gráfico abaixo:

Gráfico 2. Uso dos verbos existenciais no século XIX



Como podemos verificar no gráfico 2 acima, por conta da falta de mais dados, não pudemos constatar um maior ou menor uso de um determinado verbo, uma vez que todas as ocorrências dos três verbos denotando existência observadas no século XIX foi em mesmo número: 3 ocorrências para os verbos *ter*, *haver* e *existir*. O que é importante destacar é que, a partir desse século, não encontramos mais dados com *ser* existencial nos nossos dados, o que pode indicar que, já nessa época, o sentido existencial desse verbo é bastante restrito a determinados contextos no PB⁴.

Abaixo, podemos visualizar algumas das ocorrências presentes no século XIX desses verbos citados:

- (6) a. ...ser construído em Pernambuco, e não **ter** nelle interesse [*inint.*] alguma Estrangeira, fazendo isso certo pelo seo juramento...
- b. ... actualmente não **ha** vaga no respectivo quadro...
- c. O que actualmente não **existe** vaga no respectivo quadro.

⁴ Ver Gonçalves (2012), para a descrição dos contextos sintáticos que permitem ainda no PB atual o uso do *ser* existencial.

Como mostramos nos exemplos acima, os verbos *ter*, *haver* e *existir* ocorrem em contextos existenciais do século XIX, porém, se formos levar em consideração a porcentagem, observamos a preferência do verbo *haver* existencial em relação aos demais verbos.

Comparando a análise dos nossos dados do século XVIII com o século XIX, observamos que houve uma diminuição, porcentualmente falando, quanto ao uso do *haver*, enquanto verbo existencial, e um aumento do verbo *ter* e *existir* com esta acepção. Entretanto, como já mencionado, não houve nenhuma ocorrência com o verbo *ser*. Esses resultados parecem acenar para gramática que o português brasileiro possui hoje, ou seja, uma gramática cujo verbo existencial por excelência é *ter*, em detrimento de *haver*, como vêm demonstrando diversos estudos de cunho sociolinguístico e gerativista (cf. AVELAR, 2004, 2006; AVELAR & CALLOU, 2000; MATTOS E SILVA, 2002, VITÓRIO, 2013, entre muitos outros), como discutiremos mais adiante.

Português pernambucano do século XX e os verbos existenciais

Em relação ao século XX, foram analisadas 36 cartas, oficiais e particulares, e, nessas cartas, semelhantemente ao que aconteceu com a análise feita no século XIX, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *ser* existencial; já o verbo *ter* foi encontrado em 59 sentenças, sendo 2 existenciais, ou seja, 3,38% do total. Em relação ao *haver*, este verbo foi encontrado em 17 ocorrências, sendo 7 em contextos existenciais, ou seja, um total de 41,17% das ocorrências. Todas as construções existenciais do século XX correspondem a um total de 8,33% das ocorrências. Na tabela abaixo, encontra-se um panorama dessas construções:

Quadro 3. Distribuição das ocorrências dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* nas cartas do século XX

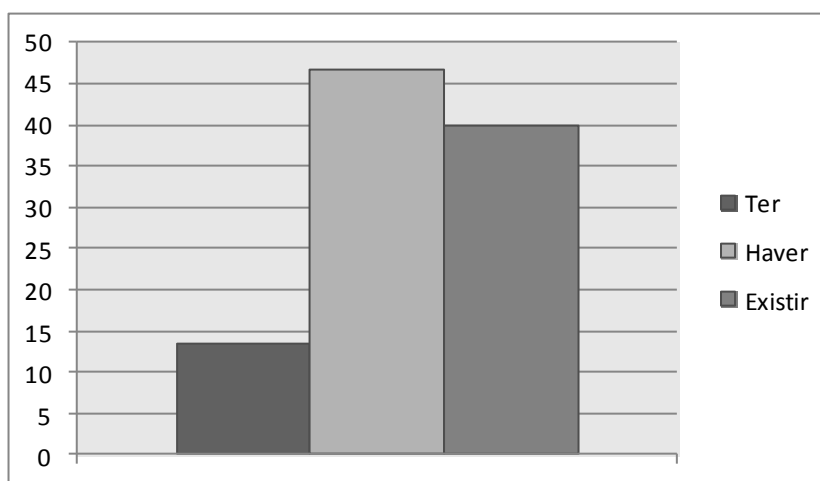
Total de cartas	Total de ocorrências do verbo <i>ser</i> em contextos variados	Total de ocorrências do verbo <i>ter</i> em contextos variados	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> em contextos variados	Total de ocorrências de <i>existir</i>
36	98	59	17	6

	Total de ocorrência do verbo <i>ser</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>ter</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> existencial	Total de ocorrências de <i>existir</i>
	0	2	7	6

Como visto na tabela acima, no século XX, constatamos uma preferência no uso do *haver* e *existir* nas construções existenciais, onde o verbo *ter* existencial ocorre com menos frequência. Já o verbo *ser* é bastante usado em diversos contextos, porém não foi encontrado como verbo existencial.

Vejam, em seguida, o gráfico que mostra os nossos dados de forma quantitativa:

Gráfico 3. Uso dos verbos existenciais no século XX



Novamente, percebemos que, no século XX, o verbo *ser* existencial não aparece. No seu lugar, três verbos existenciais estão em competição: o verbo *ter* é usado em 13,34% nos dados que analisamos; o verbo *haver* é utilizado robustamente em 46,66% dos nossos dados; e o verbo *existir* aparece em 40% das ocorrências desse tipo de verbo nesse período do PB.

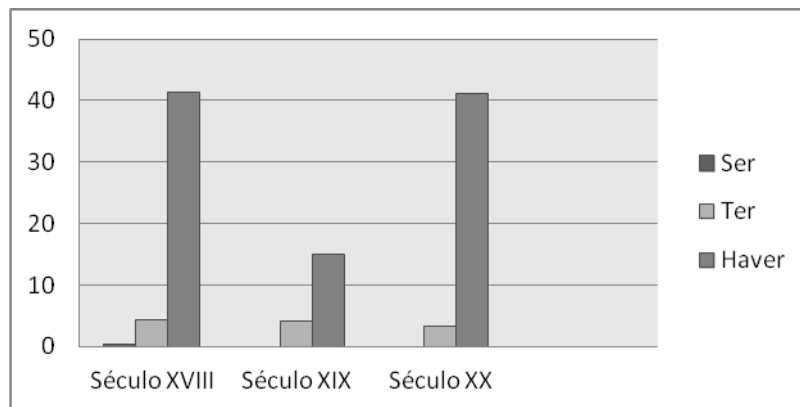
Abaixo, exemplificamos alguns exemplos retirados dos dados que analisamos:

- (7)
- a. Fiz um retiro aqui no Itaquí li que **tem** coisas bem interessantes...
 - b. **Havia** um mistério sobre índios que me contavam em criança...
 - c. Onde tem família e ele me disse que de facto **existia** este lugar mas que os negros já vinha se misturando São estas as informações

De acordo com os resultados do século XX, podemos observar que, apesar de haver uma redução do uso do verbo *ter* enquanto existencial, verificamos que este verbo também concorre com *haver* na acepção existencial. O aumento do uso do verbo *ter existencial* nessa época parece, como dito anteriormente, acenar para o atual quadro do uso dos verbos existenciais no português brasileiro, ou seja, com a competição de *ter* e de *haver* para a acepção de existência.

Para resumir os nossos dados mostrados até então, elaboramos o gráfico abaixo, que traz um mapeamento geral das ocorrências existenciais dos verbos *ser*, *ter* e *haver*, do século XVIII, XIX e XX⁵:

Gráfico 4. Emprego dos verbos *ser*, *ter* e *haver* em contextos existenciais através dos séculos



Como ficou exposto no gráfico 4, pode-se constatar que, nos três séculos, existe uma preferência ao uso do *haver* em contextos existenciais. No século XVIII, o número de ocorrências foi maior em relação aos outros séculos e, no século XIX, houve uma queda drástica no uso do *haver* existencial, porém, no século XX, seu uso com a acepção existencial foi um pouco maior.

Já o verbo *ter* existencial apareceu em maior quantidade entre os séculos XVIII e XIX e no século XX caiu um pouco, porém, a nosso entender, a queda em seu uso não foi percentualmente muito significativa. No que tange ao verbo *ser existencial*, foi encontrado

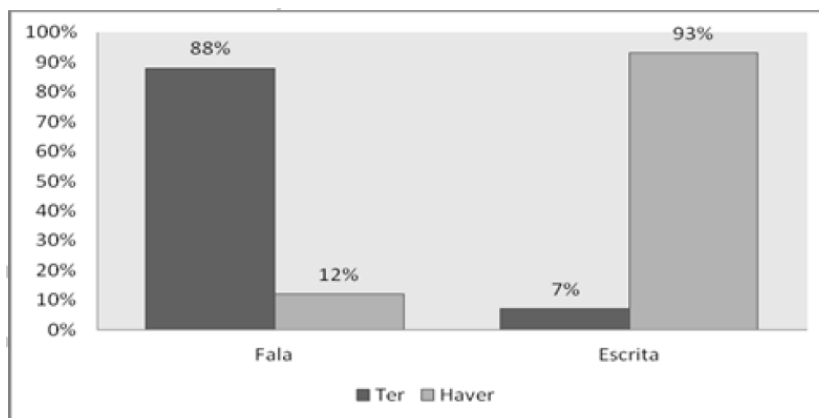
⁵ Isolamos somente esses três verbos para este gráfico, uma vez que o verbo *existir* denota por si só a ideia de existência e o que se pode observar em relação a esse verbo foi que ele não passou (nem passa) por uma alteração semântica através desses séculos.

com pouca frequência no século XVIII e, nos séculos XIX e XX, não houve nenhuma ocorrência, o que parece já acenar para uma gramática sem verbo *ser existencial*⁶.

Alguns autores em suas pesquisas perceberam uma robustez do *ter* existencial, no PB, nas construções existenciais, em relação ao *haver*. De acordo com a amostragem quantitativa dos dados desses pesquisadores, o *haver* concorre com *ter* nas estruturas existenciais, havendo um uso elevado de *ter* na língua oral, já na língua escrita, há uma maior predominância do verbo *haver* (cf. AVELAR, 2004, 2006; AVELAR & CALLOU, 2000; MATTOS E SILVA, 2002, VITÓRIO, 2013).

Vitório (2013, p. 77), por exemplo, analisando a fala e a escrita do PB atual em relação ao *ter* e *haver* existenciais, chega ao seguinte gráfico, onde é observada um substancial uso do *ter* na língua falada e de *haver* na língua escrita:

Gráfico 5. Percentuais e de *ter* e *haver* na fala e na escrita (VITÓRIO, 2013)



Os dados obtidos por Vitório (2013) mostram que o *haver* ainda permanece como sendo o verbo existencial na escrita, já na fala o verbo *ter* é que detém o valor existencial, o que, para a referida autora, parece sugerir a forte “pressão normativa” a que tende a modalidade escrita.

O que pode explicar o maior uso do *haver*, entre os séculos XVIII, XIX e XX, no português, nas construções existenciais, como ficou evidente no gráfico 4 acima, elaborado a partir dos nossos resultados com manuscritos desses séculos. Os dados encontrados, então, corroboraram a pesquisa de Vitório, pois o *haver* é muito mais frequente, em contextos existenciais, na escrita, em relação aos outros verbos. Entretanto, o que é interessante salientar

⁶ Mas, como já mencionado, ver Gonçalves (2010, 2012), que argumenta que existem construções com *ser* existenciais no PB atual, mas sob certas restrições sintático-semânticas.

é que os nossos dados, ainda que timidamente, nos mostram a saliência do verbo *ter existencial* no decorrer dos séculos estudados.

Estudos futuros, adotando um quadro teórico de cunho mais formal, poderão nos mostrar o que aconteceu na subjacência das estruturas existenciais na gramática do PB, no sentido de explicar: (i) o porquê de haver a possível variação entre *ter* e *haver existenciais* e o aumento de *ter* enquanto verbo existencial na fala, e (ii) quais foram as mudanças sintáticas na gramática do PB que justificam a perda do *ser* nessa acepção.

Considerações finais

Através desta pesquisa, verificou-se, no transcorrer dos séculos estudados, que o verbo *ser* deixou de ser encontrado como existencial⁷. Em relação ao verbo *ter* existencial, o que se observou foi uma oscilação e crescimento em suas ocorrências, porém o uso do *haver* em relação ao *ter* existencial é bem mais elevado, o que corrobora pesquisas anteriormente feitas, no sentido de que o verbo *haver* é o verbo existencial por excelência, quando se trata da escrita. Já o verbo *existir* ocorreu com menor frequência no século XVIII, e no transcorrer dos séculos ele passou a aparecer mais nas sentenças existenciais.

Apesar de entendermos que existem diferenças entre cartas oficiais e particulares, no que diz respeito à variação diafásica, nesta nossa primeira pesquisa, não levamos esse fator em consideração pelo fato de não haver documentos suficientes para tal comparação. Entretanto, nas pesquisas futuras levaremos em consideração o fato de haver cartas particulares e oficiais e, ainda, dividiremos os séculos em primeira e segunda partes, a fim de verificar se houve alguma mudança importante que nos revele mais fatores importantes na variação e mudança dos verbos existenciais do PB.

Sendo assim, é relevante salientar que esta pesquisa continuará atentando para esses tópicos e, ainda, implementando os resultados na teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981 e 1986), com o intuito de se explicar por que essas mudanças ocorrem/estão ocorrendo na gramática do PB.

⁷ Entretanto, ver nota anterior.

Referências

AVELAR, J de O. *Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 2004.

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUC-RS, v. 143, p. 49-74, 2006.

AVELAR, J.; CALLOU, D.. Sobre *Ter* e *Haver* em Construções Existenciais: Variação e Mudança no Português do Brasil. *Gragoatá*, 9, 2000. p. 85-100.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, E. *Construções existenciais com o verbo ser no português europeu escrito: Um estudo comparativo*. Anais do SETA, n. 4, IEL/UNICAMP, 2010.

GONÇALVES, E. *Ser ou não Ser, eis a questão Construções "Existenciais" com o verbo Ser no Português Brasileiro Contemporâneo*. Campinas, SP, Unicamp, 2012.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Volume 1: Internal Factors. Cambridge: Backwell Publishers, 1994.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O Português quinhentista*. EDUFBA, 2002.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas TER, HAVER E SER. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

SILVA, R. V. M. A variação 'haver/ter'. In: SILVA, R. V. M. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 181-93.

VITÓRIO, E. G. As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita. *DOMÍNIOS DE LINGU@GEM* - v. 7, n. 2 (jul./dez.), 2013.

Data de recebimento: 21/10/2014

Data de aprovação: 05/12/2014